

MEU CORPO-ELÉTRICO: PROLONGAMENTO CIBORGUE NO ESPETÁCULO CÊNICO “A SOCIEDADE DOS ANTICORPOS”

*My Electric-Body: Cyborg Extension I
in the theatrical spectacle “The Society of Antibodies”*

Faccio, Giovanne; Unila; giovanefaccio@gmail.com¹
Acom, Ana Carolina; Doutora; Unioeste/Unila, ana.acom@unioeste.br.²
Grupo de Pesquisa em História da Arte e Cultura de Moda
(CNPq/UFRGS)³

Resumo: Este artigo relata a construção de um corpo-estranho transmutado em corpo-elétrico-ciborgue: o corpo expandido, prolongado por meio de tecnologias. A abordagem relaciona a produção do figurino para o espetáculo cênico “A Sociedade dos Anticorpos (2023)”, assim como, a própria participação enquanto performer durante o espetáculo, juntamente à experiência de participação no coletivo de artistas “Poéticas do ENTRE”.

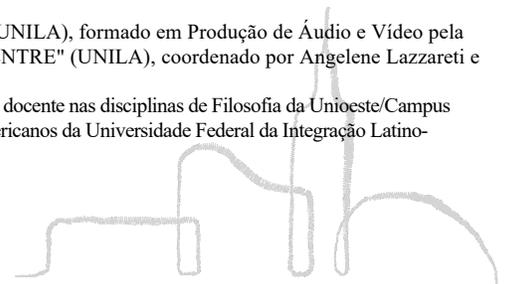
Palavras chave: Corpo-Elétrico; Ciborgue; Entre.

Abstract: This article reports on the construction of a strange-body transmuted into an electric-cyborg body: the expanded body, extended through technologies. The approach relates to the production of costumes for the spectacle “The Society of Antibodies (2023)”, as well as the performance itself during the show, along with the experience of participating in the artist collective “Poéticas do ENTRE”.

Keywords: Electric-Body; Cyborg; Between.

¹ Bacharel em Mediação Cultural – Artes e Letras pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), formado em Produção de Áudio e Vídeo pela ETEC Jornalista Roberto Marinho (SP). Atua no projeto de extensão, pesquisa e criação artística “Poéticas do ENTRE” (UNILA), coordenado por Angelene Lazzareti e Fábio Salvatti, pesquisando corpo, contranarrativas e convergência entre mídias.

² Doutora em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Atua como docente nas disciplinas de Filosofia da Unioeste/Campus Foz do Iguaçu, e também como docente e pós-doutoranda (Capes) no Programa Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (PPGIELA/UNILA).



Introdução

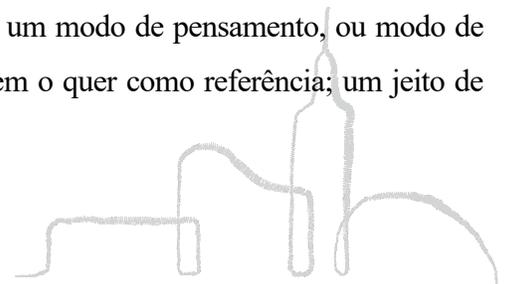
Este artigo traz criadora e criatura em um relato de experiência sobre a transmutação de um corpo-estranho em corpo-elétrico-ciborgue: a permanência do estranhamento que se prolonga em corpo expandido tecnológico. Esta pesquisa relaciona a produção de figurino para o espetáculo “A Sociedade dos Anticorpos”, assinada por um dos autores, assim como, a própria participação enquanto performer do outro autor no espetáculo e participação no coletivo de artistas “Poéticas do ENTRE”.

“Poéticas do ENTRE” é um coletivo de artistas multidisciplinares de diferentes países da América Latina, o grupo é vinculado a um projeto de pesquisa e extensão da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e coordenado pelos artistas e professores Angi Lazzareti e Fabio Salvatti (Lazzareti, 2023). Este coletivo, com foco nos estudos e práticas do corpo, explora o *entre* como campo de saber e a escuta como princípio artístico. O grupo propõe investigações na própria criação artística, em fluxos que transitam entre culturas e memórias, presenças e ausências, escutas e afetos. O espetáculo “A Sociedade dos Anticorpos”, dirigido por Angi Lazzareti e Fabio Salvatti, e com a primeira exibição no Auditório da Unioeste (Campus Foz do Iguaçu), em outubro de 2023, explorou signos como sintomas, relações entre tecnologias, Covid-19 e outros elementos extemporâneos e familiares aos habitantes deste país e do continente. A obra foi pensada como luto, memória, e modo de não esquecer um passado recente, que muitas vezes, nos soa como sonho-lembrança. O “Sociedade dos Anticorpos” faz uso de tecnologias cênicas, recriando um ecossistema digital, provocando a reflexão sobre colonização algorítmica.

O personagem destacado neste artigo é o “corpo-ciborgue”, cuja caracterização cênica foi pensada nos adornamentos do corpo, acoplado de objetos-artefatos externos e tecnologias que o transbordaram, constituindo lhe em uma estética do estranhamento. Esta estética dialoga com princípios do “manifesto ciborgue” (Haraway, 2009) e o pensamento de Campos (2019) que teorizou sobre o “choquer de monstro”. O figurino e a performance, objetos desta pesquisa, exerceram forças sobre um corpo (re)criado, o destituindo da normalidade, que relaciona expectativas de gênero e normatividade.

O *queer* se refere a uma atitude existencial e estética de comportamento transgressivo alheio a heteronormatividade ou a qualquer identidade. O indivíduo “identificado” *queer*, não representa uma minoria ou qualquer identidade estabelecida, mas materializa uma ausência total de referencial: é quando você olha e não identifica qualquer padrão instituído, a razão falha em retornar alguma correspondência significativa. Trata-se de uma ruptura de valores, para além da contestação do establishment político e cultural. (Colling; Acom, 2019, p. 134).

O termo *queer* pode se referir, mais do que uma relação identitária, um modo de pensamento, ou modo de existência estética. “É um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de



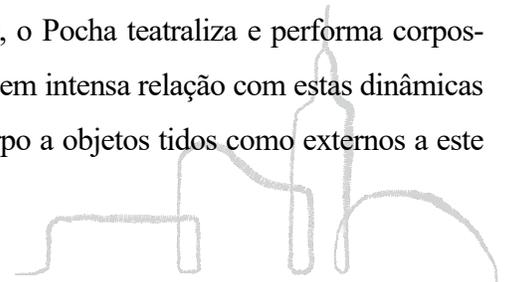
pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre-lugares’, do indecível” (Louro, 2016, p. 7).

Procedimentos e construção do Corpo Ciborgue

Durante o processo de pesquisa encontramos linhas de força que tensionam, aprimoram e provocam a ideia de corpo-estranho-ciborgue-elétrico. “Antes de mais nada, importa admitir que, como a peste, o jogo teatral seja um delírio e que seja comunicativo” (Artaud, 1999, p. 23). No ENTRE, exploramos os corpos-ciborgues a partir dos exercícios conduzidos por Fabio Salvatti no “W.A.R. - Workshop de Arte Rebelde” inspirados na pedagogia radical do Pocha, organização transdisciplinar de arte e laboratório de pesquisa em fronteira. O “La Pocha Nostra” foi considerado por jornalistas como um grupo de “ciborgues neo-indígenas, monstrassacralizados, bailarinas desviadas, cavalheiros incivilizados, trans-xamãs, camaleões interculturais e ladrões de identidades” (Gomez-Peña; García-López, 2020, p. 25). Gomez-Peña, Border Bruja, fundador e diretor artístico do Pocha Nostra considera o grupo como, dentre outros devires, “um bando de ciborgues em mal funcionamento que se rebelam contra seu cientista ou seu curador, uma tribo urbana de monstros mitológicos, como um desejo desterritorializado, uma epifania de fronteira” (Gomez-Peña; García-López, 2020, p. 25). Artisticamente, os corpos-ciborgues forjados por Pocha trabalham fundamentalmente com a negociação entre diferentes fatores constituintes do corpo e das identidades, situando-se na fronteira entre os entendimentos fixos e supostamente inalterados. A prática pedagógica radical do Pocha (Pestana, 2015) incita o tensionamento das certezas e promove o contágio entre os fluxos categorizados pelos discursos hegemônicos. As artistas do Pocha são consideradas “ladrãs de identidade” por incitar o questionamento de suas identidades e exacerbar os fluxos que afetam o corpo de cada uma por meio de uma pedagogia que em igual profundidade trabalha com a negociação entre diferentes cosmovisões e práticas artístico culturais. Para o grupo, a

[...] eclética metodologia Pocha inclui exercícios performáticos, rituais e jogos que foram emprestados, recortados, colados e extraídos de diversas disciplinas e culturas. Eles vão desde teatro experimental (Boal, Yuyachkani, Living Theatre, teatro britânico, método Schechner, etc.), dança e contato improvisação, até performances rituais que incluem práticas xamânicas, performances indígenas e práticas ativistas das Américas, do sul global e tudo mais. Sempre ocupamos o “espaço entre”. Para nós, o “entre” não é apenas uma zona conceptual que habitamos como artistas, mas um espaço permanente de reinvenção e criatividade que chamamos de “ativismo imaginário”. (Gomez-Peña; García-López, 2020, p. 15).

Com isso, a partir negociação entre corpo (matéria crua), as participantes (as artistas) e as múltiplas e simultâneas imagens adornadas ao corpo (Gomez-Peña; García-López, 2020, o Pocha teatraliza e performa corpos-ciborgues. A ideia de corpo-ciborgue presente nos trabalhos do Pocha Nostra tem intensa relação com estas dinâmicas que se estabelecem entre corpo e objeto. Para o grupo, o adorno do corpo a objetos tidos como externos a este



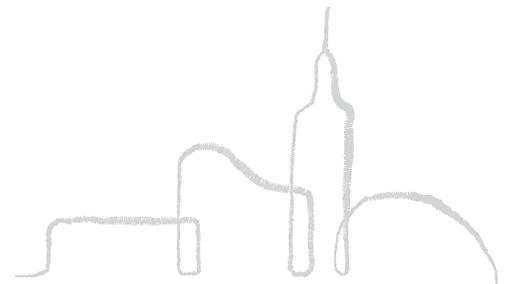
corpo, contribuem não para o embelezamento (ou enfeimento) do corpo, mas criam novos corpos por destituírem o corpo de sua normalidade adquirida. É frequente nas proposições do grupo elementos e objetos capazes de evidenciar no corpo o trânsito entre fronteiras ao passo que estes elementos e objetos fundem-se ao corpo, tornando a fronteira entre corpo e adereço de difícil cisão.

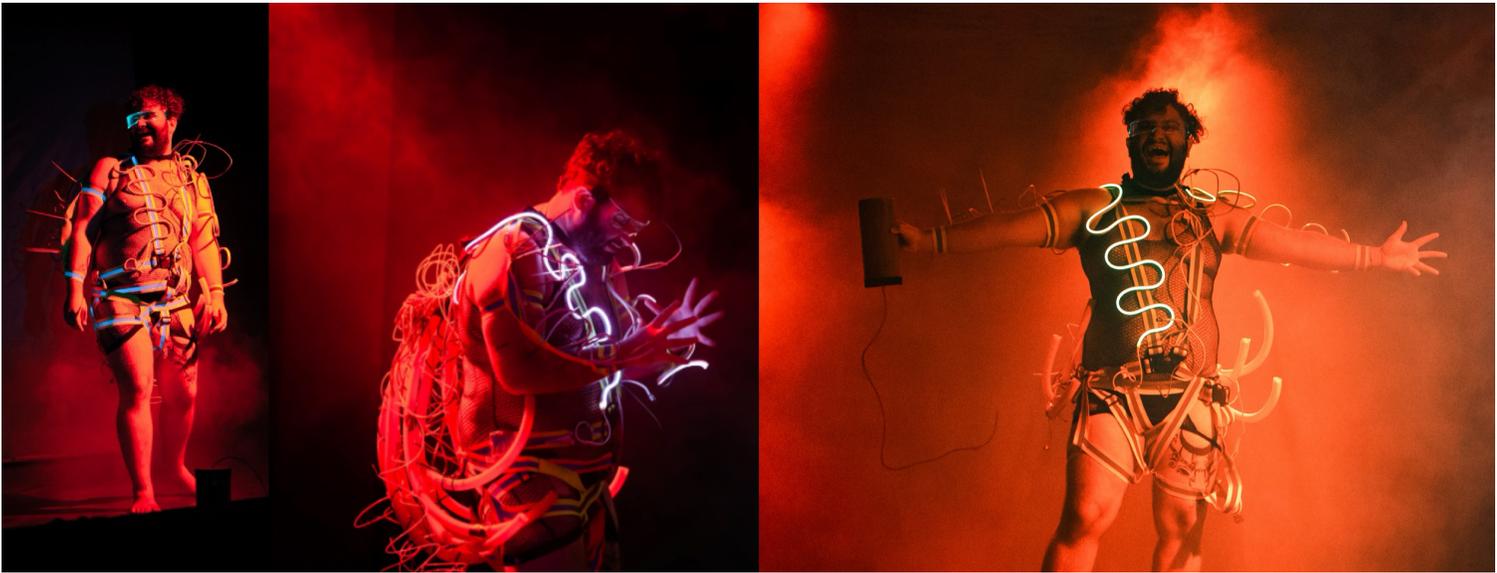
A concepção de nosso figurino ciborgue desvelou referências desde aparições mutantes ou replicantes da cultura *pop*, na Moda (Acom, 2023), na medicina de exoesqueletos e mesmo em outros artistas performáticos como Sterlac, Marcel·lí Antúnez Roca e Louis-Philippe Demers. Desse modo, como resultado, fabricamos uma espécie de corpo-extensão: um colete hyper-luminoso com fitas de led conectadas com fios, plug-ins e tomadas que piscavam e mudavam de cores. Uma vez acoplado ao corpo-carne de performer, este corpo-extensão-colete funcionava como exoesqueleto que potencializando o corpo-carne, em expressividade nos movimentos, evidenciando quebras perceptíveis do corpo-sujeito. Outro corpo-extensão, artefato que produzimos, foi inicialmente concebido como prótese craniana, no lugar de uma peruca, uma espécie de applique cyber-futurista feito com conduítes de PVC laranja, com fios eletrônicos e tomadas. Este uso foi, de certo modo, inspirado pela performance “Procesión Funebre” (2023) de Luis Tinto integrante da companhia de teatro e performance chilena “Tinta Negra”⁴. A criação lembrava algo entre capacete, tranças e crânios alienígenas, entre o personagem do cinema Predador ou uma criação de H.R. Giger.

Em um belo dia de ensaio, com o corpo-extensão acoplado a minha cabeça-carne, a peruca caiu lindamente como acontece com as bichas do RuPauls Drag Race e foi o uó. Segui presentificando o sintoma com o corpoeextensão meio caído meio sustentado pelo meu pescoço e percebemos que visualmente esta imagem era mais interessante como um rompante do meu corpo-carne. Desta forma, os canos de PVC pareciam sair do meu corpo-carne e por este caminho seguimos. (Faccio, 2023, p. 115).

Figura 1: Corpo-elétrico (montagem).

⁴ [instagram.com/tinta_negra_teatro](https://www.instagram.com/tinta_negra_teatro)





Fonte: John Alex. (2023).

Desse modo, a cada ensaio e teste de figurino, nossa criatura ciborgue transmutava seu corpo em corpo-elétrico. Com a pele à mostra, em um vestido de rede transparente, os fios elétricos e as luzes imiscuíam-se à sua compleição física, matéria orgânica e eletrônica formavam esse ser. Sua aparição, entre o utilitário e estético, entre o corpo natural e a tecnologia, pode ser compreendida por uma fenomenologia do portátil (Acom, Moraes, 2021), algo que prolonga este corpo fisicamente em apêndices metálicos, conectados e luminescentes. “O ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero [...] é também o telos apocalíptico dos crescentes processos de dominação ocidental que postulam uma subjetivação abstrata, que prefiguram um eu último, libertado, afinal, de toda dependência – um homem no espaço” (Haraway 2009, p. 38)

Estes momentos de fabricação do corpo e de fazer com que algo circulasse nele foram essenciais para desautomatizar os mecanismos de existência do limitado corpo-carne, pois “o corpo ainda é pouco” (Titãs, 1984). Com estes processos, a criatura, assim como a (re)animada criação de Dr. Frankenstein (Shelley, 2017), precisava reaprender a andar, reaprender a como se movimentar no espaço e reaprender as dinâmicas de força e resistência presentes neste novo corpo-elétrico.

Viver uma experiência ciborgue, nestes contextos, significou ter outra relação com o mundo tendo em vista que este corpoelétrico era uma novidade em mim, que nunca havia habitado o mundo ao mesmo tempo que reformulava situacionalmente o mundo no qual estava inserido. [...] Por vários momentos senti meu corpo escorrendo e deslizando pelo chão da Sala C115, formando uma poça de elementos orgânicos e inanimados e voltando a se estruturar, seja essa estrutura extremamente estruturante ou profundamente desestruturada. Estar entre neste processo... entre minhas colegas de coletivo, entre o espaço, entre aquilo que sou e o que quero ser, entre o que quero ser e o que já fui é habitar uma vulnerabilidade que somos acostumados e encorajados a não enfrentar, muito menos a povoar. (Faccio, 2023, p.119 – 128).

Considerações Finais



Deste modo, construímos um ciborgue, não completo, sempre em processo, mas uma “vida nova”. “A invenção, devemos admitir humildemente, não consiste em criar do nada, mas do caos; os materiais devem, em primeiro lugar, ser concedidos; ela pode dar forma a substâncias disformes, obscuras, mas não pode trazer à existência a própria substância. (Shelley, 2017, p. 27). Assim, o processo despertou, mais do que busca por referências e pesquisas materiais, as memórias; como algo que acaba de nascer o ser-ciborgue se reconheceu como corpo aberto para devires que pudessem encontrar este corpo em estado de vulnerabilidade e, neste encontro, criador e criatura transmutaram o que precisasse ser transmutado. “As dores de ter crescido uma criança viada ganham outros contornos em um corpo jamais imaginado. As músicas conhecidas adensam os sentidos e comungam com o silêncio que se faz após as práticas na sala de ensaio. A vida é outra. O corpo é outro.” (Faccio, 2023, p. 129).

Referências

ACOM, Ana Carolina. **O Ser e a Moda: a metafísica do vestir**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023.

ACOM, Ana Carolina; MORAES, Denise Rosana. O Ser da Moda entre corpo e tecnologia: uma fenomenologia do portátil. In: **Modapalavra e-periódico**, Florianópolis, v. 14, n. 34, 2021. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/18943> Acesso em: jun./2024.

ARTAUD, Antonin. **O teatro e o seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

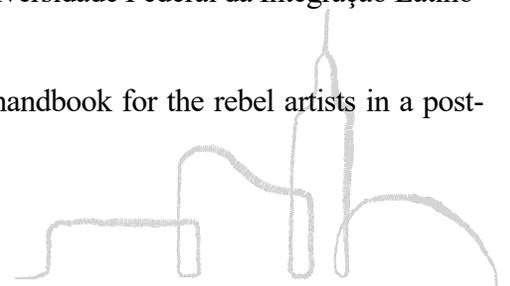
CAMPOS, Baga de Bagaceira Souza. **Choqueer de Monstro: Tikal Babado e Pai Amor e os modos de sentir e perceber suas vestes em Cachoeira-BA**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação: Mídia e Formatos Narrativos, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019.

COLLING, Ana Maria; ACOM, Ana Carolina Acom. Corpo feminino, corpo político: de fustigado à devorador do instituído. In: **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, ano 16, nº. 2, mai./ago. 2019.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FACCIO, Giovanna. **“Vamos nos espalhar como peste”**: possibilidades de criação e recriação do corpo no espetáculo cênico “a sociedade dos anticorpos”. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Mediação Cultural – Artes e Letras. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH). Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2024.

GÓMEZ-PEÑA, Guillermo; GARCÍA-LÓPEZ, Saúl. **La Pocha Nostra: a handbook for the rebel artists in a post-democratic society**. Reino Unido: Routledge, 2020.



LAZZARETI, Angelene; SALVATTI, Fábio. **Poéticas do ENTRE: pesquisa continuada 2022-2023**. Foz do Iguaçu: Não Consta, 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

PESTANA, Sandra. Pedagogia de la pocha nostrana criação de visualidades cênicas. In: Anais 11º. **Colóquio de Moda**. Curitiba: ABEPEM, 2015. Disponível em: <http://coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202015/ARTIGOS-DE-GT/GT11-TRAJE-DE-CENA/GT-11-PEDAGOGIA-DE-LA-POCHA-NOSTRA-NA-CRIACAO-DE.pdf>. Acesso em: jun./2024.

SHELLEY, Mary W. **Frankenstein**. Rio de Janeiro: Darkside, 2017.

TITÃS. O Pulso. **Álbum 84 - 94 - Volume 1**, 1984.

